



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



Os Dilemas da Realocação da Feira Livre de Picos

The Dilemmas of the Relocation Free Fair of Picos

Guilherme Coelho de Lima
Bacharelado em Administração
guilhermecoelho10@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí

Leonardo Soares Arrais
Bacharelado em administração
leonardo.arrais@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí

Kary Emanuelle Reis Coimbra
Mestre em Administração
kary.kk@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos – PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

GUILHERME COELHO DE LIMA
LEONARDO SOARES ARRAIS

Os Dilemas na Realocação da Feira Livre de Picos

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera a discente como:

- Aprovado(a)**
 Aprovado(a) com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 07 de agosto de 20 14.

Kary Emanuelle Reis Coimbra
Kary Emanuelle Reis Coimbra, Msc.

Douglas Moraes Bezerra
Douglas Moraes Bezerra, Msc.

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, Msc.

RESUMO

Neste trabalho buscamos analisar os discursos relacionados à realocação da Feira Livre de Picos a partir de duas perspectivas: a dos Feirantes e da Prefeitura. A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, de cunho qualitativo. Para sua elaboração utilizamos as técnicas de observação direta não participante, pesquisa documental, registros fotográficos, além de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com sete Feirantes da Praça Justino Luz e também com o Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Picos. Os resultados apontaram que há uma forte relação de identidade dos Feirantes para com seu local atual de trabalho, a Praça Justino Luz. Na visão da Prefeitura, no entanto, aquele espaço é visto apenas como um local de negócios, que não guarda sentimentos, tendo sua importância apenas em fatores econômicos. Identificamos uma clara relação de poder na mudança da Feira e esta mudança tem o intuito de gerar benefícios para a cidade, mas não há uma preocupação com as melhores condições de trabalho para os Camelôs. A ideia é de limpeza na cidade, higienização.

Palavras chaves: Realocação, Feira Livre, Comercio Informal, Identidade, Simbolismo.

ABSTRACT

In this work we analyze the discourses related to relocation of the Free Fair of Picos from two perspectives: that of merchants and City Hall. The research is characterized as exploratory and descriptive, qualitative nature. For its construction we use the techniques of direct non-participant observation, documentary research, photographic records, and semi-structured interviews were conducted with seven merchants of Justino Luz Square and also with the Secretary for Economic Development and Tourism of Picos. The results showed that there is a strong relation of identity of merchants to his current place of work, Justino Luz Square. In view of City Hall, however, that space is just seen as a place of business that does not keep feelings, having its importance only on economic factors. We identified a clear relationship of power in change of fair and this change has intended to generate benefits for the city, but there isn't a preoccupation with the best working conditions for the merchants. The idea is cleaning the city, cleaning.

Key-words: Relocation, Free Fair, Informal Commerce, Identity, Symbolism

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento das cidades e da população, surge a necessidade de muitos empregos e renda para proporcionar uma vida digna a todos. Como não há oportunidade de trabalho formal para todas as pessoas, o mercado informal é visto como alternativa para a sobrevivência da parcela da população que não se encontra no mercado formal. Para Cleps (2009), o tema economia informal pode representar fenômenos muito distintos como, por exemplo, a evasão e a sonegação fiscal, a terceirização, a formação de microempresas, o comércio de rua ou ambulante, a contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, o trabalho temporário, o trabalho em domicílio etc. Podemos observar que o trabalho dos camelôs que atuam nos espaços públicos das cidades (Ruas e Praças), é caracterizado como parte da economia informal.

Com o passar do tempo, as atividades desenvolvidas pelos feirantes ou camelôs se tornam comuns e tomam grandes proporções, tomando grande parte dos espaços públicos,

principalmente o centro da cidade por ser mais favorável para desenvolver atividades comerciais e devido à grande circulação de pessoas. As Feiras constituem uma das formas mais antigas de comercialização, desenvolvendo até hoje um importante papel econômico, social e cultural nas cidades (SALES; REZENDE; SETTE, 2011).

No entanto, o cenário do comércio informal vem mudando com a realocação das Feiras Livres dos espaços mais centrais das cidades para locais específicos, uma prática já comum nos grandes centros e que agora se expande para cidades do interior. Em casos que já ocorreram essa mudança, o discurso principal dos governos (Prefeituras) era de que a remoção das Feiras se deu com o intuito de revitalizar o centro da cidade, proporcionar maior limpeza nas ruas, além de desafogar o trânsito central. Um exemplo ocorreu na cidade de Belo Horizonte em 2003, com a remoção da Feira Livre para diversos espaços chamados de Shoppings Populares (CARRIERI; MARANHÃO; MURTA, 2009); no ano de 2009, na capital do Piauí, Teresina, houve a remoção dos feirantes do espaço central para um espaço chamado Shopping da Cidade.

Na cidade de Picos também não está sendo diferente, visto que há em andamento um projeto para a remoção da Feira Livre do centro desta cidade para um local específico que se chamará Mercado Produtor. Na cidade há uma grande quantidade de camelôs, aproximadamente 200 deles situados apenas em seu espaço central, na Praça Justino Luz, de acordo com dados fornecidos pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Segundo registros encontrados no Museu Odílio Albano, a Feira Livre de Picos tem por volta de 170 anos, atuante desde a época que a cidade ainda era uma pequena vila.

Essas remoções, no entanto, não acontecem de modo simples, revelando a resistência dos grupos envolvidos e até mesmo a luta pelo uso dos espaços públicos, um assunto que está sendo mais abordado ultimamente nos estudos da Administração. No trabalho elaborado por Carrieri, Maranhão e Murta (2009), é abordada a perspectiva dos feirantes em relação à imposição da remoção da Feira do centro de Belo Horizonte. O que se percebe é que a gestão urbana acontece de forma a dar espaço ao consumo formal e, nesse sentido, promove limpezas até mesmo no âmbito cultural, afastando todas as impossibilidades de consumo do centro da cidade (COIMBRA, 2013).

A partir de tais fatos, destacamos o seguinte questionamento: **Quais os discursos relacionados à realocação da Feira Livre de Picos?** Com esse estudo, buscamos chamar a atenção para as constantes alterações que vêm acontecendo nos cenários das cidades, destacando as motivações que levam as prefeituras a decretarem essas mudanças e o impacto que elas podem provocar na sociedade, em específico nos trabalhadores diretamente envolvidos com o comércio de rua. Para auxiliar no desenvolvimento desta problemática, estabelecemos os seguintes objetivos:

- Identificar a relação dos feirantes com o local atual da Feira (Praça Justino Luz);
- Identificar os fatores que levaram a ser decretada a realocação da Feira de Picos;
- Identificar e analisar qual a percepção da Prefeitura acerca da mudança da Feira de Picos;
- Identificar e analisar as percepções dos feirantes em relação a tal mudança;

Este trabalho está estruturado em cinco seções a contar pela introdução aonde fizemos uma pequena apresentação do assunto a ser tratado. Na parte seguinte temos o referencial teórico, em que são apresentados os debates sobre os espaços urbanos, bem como os significados que lhes são atribuídos pelos indivíduos que atuam diretamente nesses espaços. Em seguida apresentamos os processos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Logo após apresentamos os resultados obtidos na pesquisa e suas análises. E por fim temos as conclusões da pesquisa, destacando os pontos considerados de maior importância nesse trabalho, a fim de que este possa contribuir para estudos posteriores.

2 COMÉRCIO INFORMAL: DA FONTE DE RENDA AOS PROCESSOS DE IDENTIDADE E SIMBOLISMO

O comércio informal surge a partir da necessidade de sobrevivência de determinada faixa da população que não adquire espaço no mercado formal e, com isso, busca outros mecanismos de sobrevivência. Para Cleps (2009), dentro do comércio informal merecem destaque as Feiras e Mercados, que oferecem mercadorias diversificadas, criativas, importadas, falsificadas e com preços mais acessíveis para a população. A autora ainda afirma que uma particularidade que difere o mercado informal dos empreendimentos econômicos convencionais, que tem por finalidade a acumulação de capital, é o fato de que os empreendimentos ditos populares consistem na lógica da manutenção da renda familiar por meio da geração de empregos para indivíduos com pouca qualificação para o mercado de trabalho.

Ribeiro (2000) afirma que os principais fatores que causam o crescimento da economia informal são: o crescimento da carga tributária, o aumento na regulação da economia oficial, a aposentadoria precoce, o desemprego, dentre outros. Cunha (2009) reforça essa ideia afirmando que a informalidade é gerada devido à desorganização do Estado, em sua capacidade de fiscalizar e controlar, aliada aos altos custos de economia em termos de impostos e encargos trabalhistas. Como podemos observar, alguns fatores que contribuem para o crescimento da economia informal são gerados por certas políticas de governo que são desenvolvidas sem o planejamento necessário e acabam por gerar outros problemas que poderiam ser evitados. Porém, o governo se acomoda e não toma medidas corretivas mais efetivas por conta do comércio informal ter uma contribuição muito importante na economia. Ribeiro (2000) ressalta que a renda gerada nesse setor representa de 20 a 40% do PIB em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

O mercado informal pode ser compreendido como as atividades que não são tributadas ou registradas, ou seja, a economia informal engloba as atividades desenvolvidas de forma não regulamentada, como, por exemplo, o caso das Feiras Livres, em que os camelôs atuam informalmente nos espaços públicos das cidades (RIBEIRO, 2000). Cleps (2009) cita que estes empreendimentos informais costumam se localizar em áreas de grande fluxo de pessoas e podem se localizar também próximo a eventos periódicos. Observamos ainda que esta prática comercial é mais comum nas áreas centrais das cidades por possuírem maior movimentação. Com o crescimento das cidades, há casos em que as Feiras se expandem por grandes áreas, e com isso, os Governos sentem a necessidade de intervir nessa situação, promovendo a realocação destas Feiras para outros locais.

No entanto, um fato que passa despercebido aos olhos do Estado é que os trabalhadores das Feiras, os camelôs, tendem a construir uma identidade com o local em que desenvolvem suas atividades em função do tempo de atuação nestes locais, sendo necessário, assim, encontrar um elo mais justo para se conjugar desenvolvimento e identidade (GAVA, 2012), duas vertentes que quase sempre andam em direções contrárias. Nesse sentido, vale ressaltar a caracterização dos lugares que, segundo Augé (1994), se caracterizam como históricos, relacionais e identitários.

O termo identidade remete às formas que os indivíduos constroem determinado sentimento em relação ao ambiente em que estão inseridos, ou ainda, com os elementos que fazem parte desse ambiente. De acordo com Souza et. al (2008), existe uma evolução na concepção de identidade, que antes era tratada como um centro essencial do indivíduo que o acompanhava desde o nascimento. Em seguida surgiu a noção de sujeito sociológico, em que a identidade seria a “ponte” que interliga o sujeito e a estrutura, na medida em que ele buscará em lugares sociais objetivos os significados que alinharão seus sentimentos subjetivos. Já na concepção pós-moderna, o processo de identificação vem se tornando provisório, variável e

problemático. Ou seja, cada vez mais vem se tornando difícil definir a identidade dos indivíduos, uma vez que essa é reconstruída diariamente de acordo com as atividades que estão inseridas na rotina dos mesmos.

Para Gava (2012), a identidade dos indivíduos é construída a partir da interação com outros indivíduos na sociedade, pois nela obedecem a regras, compartilham valores, seguem normas, sofrem influência da cultura e assim criam identidade, ou seja, esse processo ocorre em meio a um sistema sociocultural, onde a sociedade e a cultura atuam diretamente no processo de formação da identidade. O processo de identificação tem sido investigado na relação das pessoas com o outro, com grupos, organizações e nações (SOUZA, et. al, 2008).

Gava (2012) ainda destaca que o processo de criação de identidade sofre influência das realidades, local e nacional, sendo que a realidade local atua de forma mais ampla do que a realidade nacional, pois a local atua mais próxima do indivíduo, mas isso não quer dizer que o sujeito não sofra influência da realidade nacional, mesmo que essa não seja tão próxima se comparada à local, pode-se observar que na realidade essa ação é conjunta. Nesse sentido, em função da relação simbólica dos indivíduos com o lugar, a possibilidade de serem retirados dos espaços nos quais eles estabelecem seu cotidiano torna-se motivo de confronto e luta por sua permanência.

3 A LUTA PELOS ESPAÇOS URBANOS

As cidades estão sempre em movimento, sofrendo alterações constantes em seus cenários. Essas alterações são provenientes da luta por espaços nas cidades, principalmente a luta por espaços públicos. Estes espaços tendem a desenvolver certos sentimentos nas pessoas e, conseqüentemente, torna-se objeto de posse.

Entendo aqui o espaço público como uma categoria sociológica constituída pelas praticas que atribuem sentidos diferenciados e estruturam lugares, cujos usos das demarcações físicas e simbólicas no espaço nos qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente (LEITE, 2007, p. 23).

Laurentino (2006) conceitua espaços públicos como sendo áreas de apropriação pública geridas pelo Estado, onde essas áreas pertencem ao coletivo e podem ou não possuir restrições de uso para a população. Podemos entender por espaços públicos, as escolas, hospitais, ruas, praças, etc. Os locais públicos são cada dia mais disputados nos grandes centros, um fato gerado pelo crescimento da população somado à falta de planejamento nas cidades, que acabam não conseguindo atender às necessidades da população, ocorrendo casos em que é necessária a intervenção do poder público na reorganização desses espaços.

O problema que ocorre nessas intervenções do poder público é a falta de imparcialidade no planejamento urbano, como argumenta Coimbra (2013), destacando que o planejamento urbano atende ao modelo de produção capitalista, modelo este marcado por clara segmentação. Ou seja, o modelo tende a favorecer as forças capitalistas, deixando de lado os interesses da sociedade em geral ou ainda dos grupos de menor poder capitalista. Isto porque “para os técnicos em economia política, a cidade é o lugar onde o poder se exerce” (BLAY, 1979, p. 155). Com esta afirmação, sustentamos a ideia de que os interesses econômicos e capitalistas têm prioridade em relação aos interesses públicos na luta pelos espaços da cidade, uma vez que estes interesses quase sempre são contrários aos da minoria que detém o poder econômico.

A cidade hoje não é só condição para a reprodução do capital, como também um produto do processo de produção capitalista. Do mesmo modo que o capital é a categoria determinante na análise do processo de produção capitalista, ela também será determinante no processo de produção espacial, na medida em que este também é um produto do processo de produção capitalista (CARLOS, 1982)

De acordo com Blay (1979), as disputas pelos espaços públicos tiveram início com a expansão urbana e industrial brasileira, por volta da década de 50 e 60, no entanto essas disputas não eram tão frequentes. Podemos identificar que esse fenômeno teve início há bastante tempo e agora vem se tornando cada vez mais comum nos grandes centros.

Para entender melhor as lutas pelos espaços urbanos é necessário analisar os discursos dos indivíduos diretamente ligados às alterações ocorridas nas sociedades. “O discurso pode ser considerado a base do processo de construção social, assim, o entendimento da realidade social somente ocorre mediante referência aos discursos que lhes dão significado”. (FRAGOSO; FILHO 2012, p. 04). Cada personagem diretamente ligado às lutas pelos espaços possuem sentimentos diferentes sobre as áreas de disputas e, conseqüentemente, diferentes discursos. Segundo Natt e Ichikawa (2012), a emissão de um discurso depende do contexto sócio histórico em que o emissor está inserido, bem como das condições do seu espaço social. Como podemos observar, os discursos tendem a ser bastante relativos, já que cada indivíduo está inserido numa realidade social distinta e, a partir daí, é que o discurso se forma.

À medida que a nova ordem social se desenvolve, a mesma afeta diferentes indivíduos e grupos por ela envolvidos. Estas mudanças ocorrem não somente no nível econômico, mas também no nível cultural, na esfera de comportamento e valores, isto é, no âmbito de estilos de vida, concepções de mundo lealdade identificações, etc. Estas transformações culturais são geralmente menos estudadas que as econômicas e requerem explicitações (BLAY, 1979, p. 92).

Como podemos identificar na citação de Blay, trabalhos que colocam em destaque as transformações culturais das cidades são menos estudados do que, por exemplo, os que estudam as áreas econômicas, porém este tipo de trabalho vem ganhando destaque no meio acadêmico, mostrando sua importância para a sociedade e destacando os fatores que levam a essas modificações nos cenários das sociedades.

Carrieri, Maranhão e Murta (2009), na elaboração de um trabalho semelhante a este, sobre a Remoção da Feira em Belo Horizonte, destacam fatores importantes que estão submersos à realocação da feira que vão além da legalização da atividade ou revitalização do centro. De acordo com o que comentam os autores, a ideia da prefeitura é de limpeza, de higienização dos espaços centrais das cidades que, por serem propícios às atividades de comércio, são, de certa forma, invadidos pelos camelôs que ocupam praticamente todo o espaço público central da cidade. A prefeitura por sua vez, para dar uma ideia de ordem e organização da cidade, planeja a retirada dos feirantes do centro e realoca-los nos famosos shoppings populares, que geralmente se localizam em regiões mais distantes do centro da cidade.

3.1 Manejo urbano e higienização social

O manejo urbano é uma prática comum nos grandes centros, cujo processo de revitalização das cidades está cada vez mais em evidência. Leite (2007) trata desse tema utilizando o termo *gentrification*, onde o autor o define como as medidas tomadas pelos governos com objetivo de efetuar uma limpeza no centro das cidades, visando à valorização do local alterado. Ou seja, remete ao manejo urbano, que em outras palavras, são alterações

que o governo provoca no cenário das cidades com o intuito de revitalizar e higienizar as mesmas. De acordo com o que é citado por Carrieri, Maranhão e Murta (2009), no caso da remoção da feira de Belo Horizonte, já citado anteriormente, o manejo urbano realizado pela Prefeitura caracteriza a limpeza da cidade, o que provoca uma desarticulação dos camelôs. Nesse sentido, seguiremos a mesma linha do trabalho de Carrieri, Maranhão e Murta em que os mesmos efetuam uma crítica às práticas de remoção urbana que vem ocorrendo nas cidades atualmente.

A Prefeitura, na maioria das vezes, força a retirada dos camelôs dessas áreas mais centrais da cidade, que logicamente possuem melhor localização para o comércio, e alocam os mesmos em prédios construídos com recursos públicos que ficam situados em áreas menos centralizadas. A construção dos shoppings populares é uma alternativa que os governantes encontraram de desocupar os espaços centrais da cidade, alocando os camelôs em prédios localizados em regiões mais distante do centro. Em Salvador já existe um projeto em andamento para a construção de cinco novos shoppings populares até o ano de 2015, (BRITO 2013). Na capital do Piauí, Teresina aconteceu de forma semelhante, a Feira foi removida depois da construção de um shopping popular, “O Shopping da Cidade” criado por volta do ano de 2009, com o intuito de revitalizar o centro, realocando os camelôs que atuavam no centro da cidade (ANDRADE 2013).

Desta forma as Prefeituras aumentam as possibilidades de cobrar impostos em cima dos comerciantes que até então trabalham de maneira informal. Carrieri, Maranhão e Murta (2009) destacam que em Belo Horizonte houve a intensificação nas fiscalizações na área em que os Feirantes estão instalados e que estas ocorrem sempre sem aviso prévio. Os autores completam sua observação descrevendo que até as entradas nos “boxes” dos Shopping Populares em Belo Horizonte favorecem a chegada surpresa dos fiscais, impedindo, assim, qualquer tentativa de fuga dos antigos camelôs que se encontram alocados nesses Shoppings.

Blay (1979, p. 153), aponta que o conjunto da classe que domina os meios de produção “constrói” a cidade. Assim, a cidade pertencerá à classe dos investidores e não dos construtores, onde “é a empresa privada que delimita o uso e a localização do espaço urbano” (BLAY, 1979, p. 12). Ou seja, as empresas privadas têm o poder de influenciar nas decisões a serem tomadas em relação ao uso dos espaços públicos, mesmo que estas decisões digam respeito exclusivamente ao meio público. Isto se dá devido às empresas formais se sentirem incomodada com a presença dos Camelôs. Cleps (2009), afirma que a modalidade de comércio informal já faz parte do cotidiano das áreas centrais das cidades, e muitas vezes estão localizados em frente aos estabelecimentos de comércio formais.

Outro fato atual que se assemelha às questões levantadas anteriormente são as mudanças que ocorreram nas cidades sedes da Copa do Mundo FIFA 2014, no Brasil, como por exemplo, no Rio de Janeiro, em que se teve o processo de pacificação das favelas, como também a retirada forçada dos moradores de rua e a internação dos mesmos em alguns casos, mesmo que estas sejam medidas importantes para o desenvolvimento do país e benefícios no caso da internação dos usuários de drogas em clínica de recuperação. É perceptível que a motivação para serem tomadas essas medidas não é apenas o benefício gerado à sociedade, mas sim a ideia de higienização dos espaços é uma forma que o governo encontra para fazer com que as cidades parecessem impecáveis aos olhos dos turistas que vieram assistir a Copa do mundo no Brasil ou mesmo aos que acompanharam pela televisão.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os discursos relacionados à realocação da Feira Livre de Picos, a partir daí identificar os fatores que levaram a prefeitura a decretar a

realocação da Feira Livre de Picos, bem como as percepções dos feirantes a respeito da tal mudança, como também identificar a relação dos Feirantes com a Feira na Praça Justino Luz.

A Feira Livre de Picos possui cerca de 780 feirantes, distribuídos por praças, ruas e mercados da cidade, conforme ilustrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição da Feira Livre de Picos

Local	Quantidade de feirantes
Praça Justino Luz	198
Praça Matias Olímpio	102
Rua Padre Cícero	69
Travessa Josino Araújo	24
Praça João de Deus Filho	43
Rua Padre Madeira	105
Feira do Peixe	11
Mercado Público Central	89
Mercado Público Borges Leal – Açougue	55
Outras Feiras	86

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, 2010.

Nesta pesquisa, optamos por realizar a coleta de dados com os feirantes da Praça Justino Luz por ser a mais centralizada e conhecida, além de ter o maior numero de feirantes como podemos identificar na Tabela 1.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, de cunho qualitativo. Este é um campo de estudo ainda não explorado pela Administração no âmbito de Picos, por isso caracteriza-se como uma pesquisa exploratória. Uma pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, mapeando suas condições de manifestação, (SEVERINO, 2007). As pesquisas descritivas podem ter a finalidade de relacionar variáveis tendo como objetivo descrever as características da população (GIL, 2010).

A coleta de dados foi efetuada no período de outubro de 2013 a Maio de 2014. Na coleta de dados utilizamos as seguintes técnicas: observação, fotografias, pesquisa documental e entrevistas, esta ultima a partir de roteiros semiestruturados com os Feirantes da Praça Justino Luz. As entrevistas foram realizadas com sete Feirantes, selecionados por caráter intencional, aleatório e de acordo com a acessibilidade, sendo finalizadas, quando se sentiu que já havia dados suficientes, uma vez que as respostas obtidas nas entrevistas se tornaram repetitivas (caracterizando a exaustão de dados). Entrevistamos ainda o Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo, o Senhor Cláudio Galeno de Araújo, representando a Prefeitura de Picos.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica da análise de conteúdo por interpretar diversas formas de linguagens, verbais e não verbais, a exemplo, de entrevistas, observação e fotografias. Para Bardin (1977, p. 31) "a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises de comunicações". Esse método de análise de dados é bastante complexo, tendo em vista que para cada discurso, deve ser realizada uma forma de análise diferente, pois se deve interpretar o sentido dos mais diversos discursos, buscando uma compreensão clara e concisa.

Inicialmente foram encontradas algumas dificuldades para conseguirmos entrevistar alguém que representasse a Prefeitura de Picos, pois as pessoas que foram procuradas no inicio, não se mostraram interessados em colaborar com a pesquisa, alegando não terem conhecimento dos fatos, por este projeto de mudança da Feira ter sido iniciado em gestões passadas, mas quando chegamos à pessoa do Secretário de Desenvolvimento Econômico e

Turismo, este se disponibilizou a dar as informações necessárias para a realização da pesquisa.

5 Análise de Resultados

5.1 O Feirante e a Feira

Neste capítulo iremos mostrar um pouco da história da Feira de Picos e a relação identitária do Feirante com a Feira na Praça Justino Luz, destacando o tempo que os mesmos trabalham naquele local e a importância da Feira para suas vidas e de seus familiares e ainda do simbolismo em relação à profissão de Camelô e a Feira na localização atual.

De acordo com relatos históricos adquiridos no Museu Odílio Albano (2014), localizado na cidade Picos, a Feira de Picos possui por volta de 170 anos de existência, sendo que a tal começou a ser praticada quando Picos ainda era uma pequena Vila. Na Figura 1, apresentamos uma vista da Feira no ano de 1950. Como podemos observar o movimento era bem menor, e os produtos comercializados eram diferentes dos que são vendidos hoje em dia, como também os meios de transportes utilizados.

Figura 1 - A Feira de Picos nos anos cinquenta



Fonte: Museu Odílio Albano (2014).

A Feira foi crescendo e hoje é considerada uma das maiores do Nordeste, sendo de grande importância para Picos e região. A importância da feira não é dada apenas em função de fatores econômicos, visto que se tornou inclusive um cartão postal da cidade (SILVA, 2010). A feira funciona como um atrativo turístico, chamando a atenção de compradores e curiosos de toda a macrorregião, sendo hoje responsável por grande parte da circulação de pessoas pelo centro diariamente.

Ao realizar a entrevista, questionamos acerca dos motivos que levaram os sujeitos a se tornarem feirantes, entre os quais se destacaram a influência familiar e a necessidade.

Rapaz, meu pai já tinha banca aqui, desde os 8 anos que eu vivo aqui nessa Feira, né? **(Feirante 02)**

Por que não tinha outra [profissão] parceiro, aí aqui não demonstra emprego aqui dentro de Picos. **(Feirante 01)**

A maioria dos feirantes da Praça Justino Luz trabalha no local há mais de 15 anos, muitos começaram ainda quando criança juntamente com alguém da família, como expressa o Feirante 02. Pode se observar que esta relação já vem de longa data e que muitos trabalham boa parte da vida naquele local, o que constitui um dos motivos para o estabelecimento de identificação dos feirantes com a Feira na Praça Justino Luz, ainda mais que em alguns casos esta profissão foi passada de pai para filho, caracterizando uma tradição na família. Este aspecto pode ser ressaltado nas palavras de Leite (2007), onde os lugares guardam de fato estreita relação com aspectos da vida social, do passado comum e do inconsciente das pessoas. Essa identificação dos Feirantes com seu local de trabalho vem ao encontro do que ressalta Souza et. al (2008) na concepção de identidade do sujeito sociológico, que busca em lugares objetivos o desenvolvimento dos seus sentimentos subjetivos. Como podemos observar, esta identidade é construída aos poucos, de acordo com a vivência das pessoas e das situações em que estas estão inseridas.

Em outros casos o motivo da escolha dessa profissão se deu muito pela falta de oportunidade no trabalho formal, como foi exposto pelo Feirante 01. Nesse caso, podemos observar que em alguns casos a profissão de feirante é a única alternativa de sobrevivência para estas pessoas, isso se dá devido a diversos fatores, como a baixa escolaridade dos mesmos ou as poucas alternativas de emprego no mercado formal na região de Picos. Essa constatação vai ao encontro dos argumentos de Ribeiro (2000) que afirma que os principais geradores da economia informal são desemprego, crescimento da carga tributária, aposentadoria precoce entre outros.

Mesmo com todas as dificuldades e em alguns casos a profissão ser a única alternativa de trabalho, nota-se que é lucrativo e compensador pra eles atuarem nesta profissão, pois é através desta que a maioria garante a sobrevivência de toda a família, como relata o Feirante 04: “todo mundo, né? Todo mundo sobrevive daqui”. Cleps (2009) destaca essa particularidade nesse tipo de empreendimentos (informal) que na sua grande maioria é utilizado com a finalidade de garantir a sobrevivência dos trabalhadores e seus familiares, diferentemente dos empreendimentos econômicos convencionais.

Já a respeito dos sentimentos que a profissão de Feirante desperta nos camelôs, muitos afirmam sentir prazer pela profissão e de certa forma são gratos por sobreviverem dessa atividade.

Rapaz cara, no momento eu posso te dizer que é tudo, né? Por que é daqui que a gente tira o sustento da família, pra comer, pra se vestir, pra ter o seu próprio luxo, por pequeno que seja. Mas é tudo daqui, então essa profissão pra mim hoje é de grande importância, né? Ah, e eu gosto do que eu faço, pra mim é bem gratificante. É aquela coisa, se você tem sua profissão e gosta do que você faz tudo se torna mais fácil, então pra mim é muito gratificante **(Feirante 05)**

Fica clara a gratidão que os Feirantes têm pela Feira e a satisfação e gosto pelo que fazem, sendo que a Feira representa muito para eles e seus familiares, pois na maioria dos casos a Feira é a única fonte de renda que garante o sustento e a sobrevivência dos Camelôs e suas famílias. Cunha (2009) defende a ação dos trabalhadores de rua, afirmando que essa é necessária para garantir a sobrevivência dos mesmos, ressaltando a importância de ganhar a vida honestamente. Em relação à importância da Feira, podemos identificar semelhanças e diferenças nos discursos entre os próprios feirantes como também na opinião do Secretário de Desenvolvimento Econômico, Claudio Galeno de Araújo. Quando se fala da Feira em fatores econômicos fica explícita a importância da Feira para Picos e região como podemos acompanhar nos fragmentos seguintes:

Se você for ver pelo aspecto econômico ela é realmente, é como é que se diz? Ela é interessante pra cidade, pro município, porque ali além de concentrar as vendas e as compras, há uma movimentação de recursos muito grande, e a Feira de Picos atrai muita gente da região e isso vai, isso provoca, é negócios do comércio de Picos (**Claudio Galeno**).

[...] Então a feira é de grande ajuda para as pessoas que tem o custo de vida baixo digamos assim, né? Então a feira pra eles também acho que significa muito porque muitos compram daqui. É uma alternativa, entendeu? Se não tem o dinheiro pra comprar na loja, mas tem pra comprar aqui porque o preço é bem inferior, não menosprezando a loja, mas tem uma certa diferença (**Feirante 05**).

É inegável a importância da Feira para o município, sendo que em ambos os discursos (dos feirantes e da Prefeitura) podemos identificar este ponto em comum, cada um na sua forma de se expressar, abordam este fator. No entanto esse aspecto econômico é tratado de maneira distinta, quando para o Secretário a importância econômica está em termos gerais, isto é, para a cidade (população como um todo). Esse discurso reforça a ideia do Laurentino (2006) que trata de espaços públicos como sendo as áreas administradas pelo estado e que estas pertencem à população em geral. Já o Feirante 05 deixa claro que essa importância se destina às pessoas de baixa classe social, configurando uma alternativa econômica de consumo, o que nos retorna às ideias de Cleps (2009) sobre a importância das Feiras, que tem como característica a prática de oferecer mercadorias diferenciadas e com preço mais acessível.

Essa discrepância nos discursos da Prefeitura e dos Feirantes nos remete à afirmação de Natt e Ichikawa (2012), que argumentam que a emissão de um discurso depende do ambiente em que o indivíduo que o pronuncia está inserido, isto é, da sua posição sócio histórica com o objeto do discurso. Assim, podemos observar que há uma tendência dos discursos variarem bastante de acordo com os interesses de cada indivíduo emissor do discurso.

Figura 2 - Feira de Picos atualmente



Fonte: Os autores (2014)

Na Figura 2 podemos destacar a localização privilegiada da Feira na Praça Justino Luz, situada ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, que figura entre as sete maravilhas do Piauí, sendo atualmente um dos principais atrativos turísticos da cidade de Picos, funcionando de maneira indireta, como um atrativo de consumidores para a Feira nesta

região. Assim, a Feira e a Igreja representam dois elementos culturais de grande destaque na história de Picos.

5.2 Impactos da Mudança

Esta seção do trabalho busca mostrar os possíveis impactos decorrentes das mudanças advindas da realocação da Feira Livre de Picos, analisando as perspectivas dos Feirantes e da Prefeitura a respeito da mudança. Destacando os motivos para esta remoção a partir do discurso da prefeitura, bem como as percepções dos Feirantes a respeito da tal.

O principal motivo para essas mudanças, segundo o Secretário Cláudio Galeno:

É exatamente não só para dar uma comodidade para o feirante, mas muito mais também para o comprador, pra quem usa, usa o comércio da Feira, entendeu? E também para ter a viabilidade de acesso das pessoas na cidade de Picos. **(Cláudio Galeno)**.

Fica claro na fala do Secretário que a preocupação da Prefeitura com a realocação da Feira é proporcionar maior comodidade para as pessoas que circulam pela Feira, deixando de lado os interesses das pessoas que sobrevivem da Feira e que trabalham diariamente naquele local, e devido a isso, possuem uma identidade com aquele espaço (Praça Justino Luz) e não se veem trabalhando distante dali, ficando clara a escolha destes, quando perguntados sobre o que pensam a respeito da mudança da Feira, como se pode observar no discurso dos Feirantes:

Eu acho que vai ser péssima, a feira de Picos tem de está aqui, pra lá vai ser ruim pra gente eu acho. **(Feirante 03)**.

Contradizendo essa constatação, o secretário afirma que os Feirantes têm expectativas positivas para esta mudança:

Eu posso te dizer por conversar com eles, eles tem uma expectativa muito grande, eles querem realmente mudar, sem dúvida nenhuma, pra eles é muito melhor **(Cláudio Galeno)**.

Quando perguntamos aos Feirantes sobre o motivo para a Prefeitura decretar a tal mudança, as opiniões se dividem, alguns preferem não expor uma opinião sobre o assunto. Entre os que opinaram, foi levantada uma questão que chama muito a atenção. Alguns Feirantes acreditam que a ideia de remoção da Feira não partiu apenas da Prefeitura e que há, por trás disso, influências dos donos de lojas do Centro, que seriam beneficiados com a retirada da Feira Livre do local atual, pois os lojistas passariam a atuar sem a concorrência dos Camelôs, sem falar que teriam as frentes de suas lojas descobertas, com a retirada das barracas daquela região. O discurso dos Feirantes reforça as ideias de Blay (1979) e Carlos (1982) no que diz respeito à produção do espaço de acordo com os interesses do capital.

Por estarem inseridas na economia formal e contribuírem mais efetivamente com o pagamento de impostos, as empresas privadas possuem o poder de influenciar nas decisões do Estado no intuito de reorganizar os espaços urbanos de forma que estas mudanças tragam favorecimento a estas empresas. Coimbra (2013) argumenta que as intervenções do poder público na intenção de reorganizar os espaços urbanos favorecem ao modelo capitalista. Este modelo prioriza os interesses das forças capitalistas, desprezando os interesses da sociedade ou dos grupos de menor poder aquisitivo.

A insatisfação dos Feirantes com essa mudança é notória e compreensível a partir do que acompanhamos no capítulo 4.1, em que se constata através dos discursos dos Feirantes

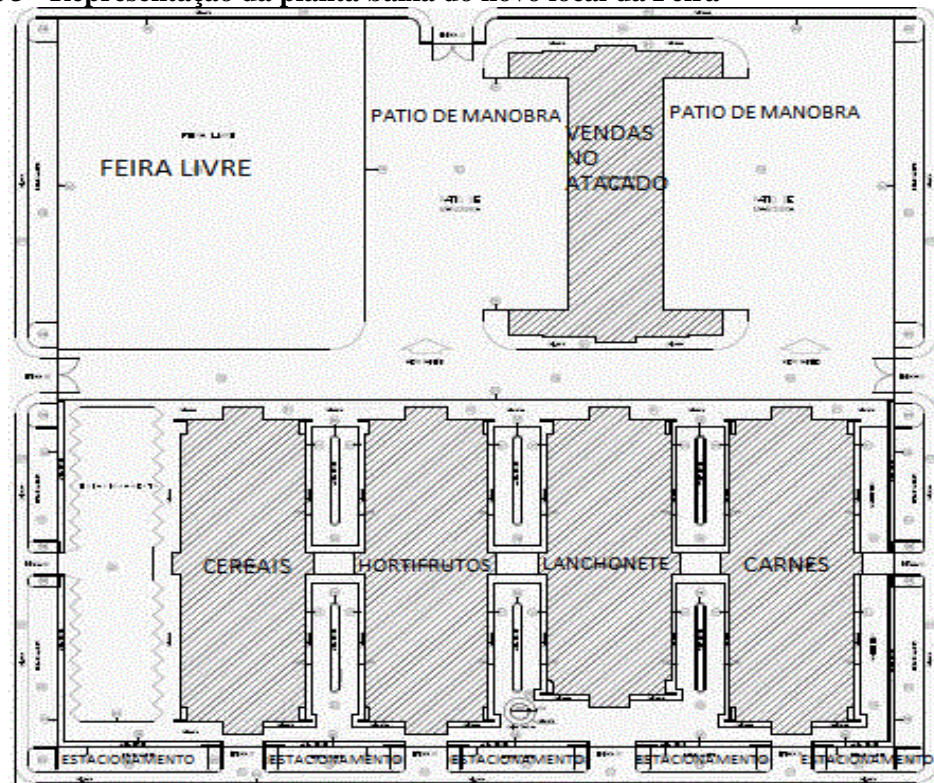
que estes já possuem uma identificação com o local da Feira, pois muitos atuam naquele espaço desde muito cedo, como em alguns casos que a profissão foi passada de pai para filho.

Quando se fala sobre a estrutura do novo local, fica explícita a falta de repasse de informações da Prefeitura para os Feirantes sobre a mudança da Feira. Os feirantes são os principais atingidos com essa mudança e, portanto, deveriam ser consultados sobre suas opiniões. Sobre o formato da nova estrutura, o Secretário explica:

A nova estrutura vai ter... São... são quatro galpões, um destinado a Cereais, outro pra frutas, outro pra carne e um outro pra... pra comestíveis, comidas, entendeu? E será um quinto, que é uma área maior, que é exatamente pra Feira de confecções e bijuterias (Cláudio Galeno).

Na Figura 3, temos a planta baixa do novo local da Feira. O que chama atenção é que, de acordo com informações obtidas na Secretaria de Obras da cidade de Picos, a área que abrigará os Feirantes da Praça Justino Luz, será a céu aberto. Esta realidade contraria as expectativas dos Feirantes, que imaginam que serão lotados em um local coberto, protegido de sol e chuva, além de amenizar os riscos de furtos, que são comuns na localização atual da Feira, pelo fato dos Feirantes deixarem suas barracas montadas durante a semana inteira, inclusive no período noturno, para facilitar o seu trabalho no dia seguinte. Os Feirantes necessitam disponibilizar vigilantes para protegerem as suas barracas, que, mesmo assim, ainda sofrem furtos nesse período. A expectativa deles é que esse problema seria corrigido, pois eles imaginavam que seriam alocados numa espécie de Box.

Figura 3 - Representação da planta baixa do novo local da Feira



Fonte: Secretaria de Obras de Picos (2014)

Como podemos identificar no discurso dos camelôs, quando perguntamos a eles sobre quais benefícios eles imaginavam que seriam proporcionados por esta mudança.

[...] vai facilitar, só chegar e abrir seu ponto, ir pra dentro e trabalhar, não vai ter aquela dor de cabeça de montar e desmontar (barracas), já fica tudo arrumadinho. **(Feirante 02)**.

Quando questionados acerca dos benefícios que a realocação da Feira acarretará, as opiniões são divididas.

Ah, isso aí vai... Primeiro a comodidade de quem vem a Picos fazer compras, você sabe que Picos é um centro, entendeu? Centraliza quase 50 municípios, são meio milhão de pessoas que vem pra Picos. Então esse pessoal terá muito mais comodidade a vir a Picos com aquele... Com, com aquele espaço livre para que ele estacione veículos, se locomova com mais facilidade **(Cláudio Galeno)**

Não, não vai trazer nenhum, muito pelo contrário, vai é gerar necessidade, nós que vamos pra lá eu tenho certeza que vai ficar pior do que cada um já está **(Feirante 03)**

Fica claro o conflito de ideias existente entre a opinião do Secretário e dos Feirantes em relação aos benefícios que podem ser gerados com a realocação da Feira. Um fato visível que podemos identificar no discurso da prefeitura é que os benefícios que elas esperam são mais voltados para a cidade, gerando, conseqüentemente, riquezas. Não se identifica nesse discurso uma preocupação com os trabalhadores da Feira (camelôs) em relação aos sentimentos de pertencimento e identificação que eles possuem para com a Praça Justino Luz, o que reforça a ideia de Laurentino (2006), que afirma que os espaços públicos são sendo áreas de apropriação pública geridas pelo Estado e que podem ou não implicar restrições de uso para a população. Já no discurso dos Feirantes o que se identifica é a insatisfação para com a realocação da Feira, onde eles se sentem mais à vontade para trabalhar no local atual, por já estarem habituados a essa rotina e terem construído uma identidade com a Feira.

No que tange às desvantagens que possivelmente a mudança acarretará, as opiniões se invertem:

Olha eu não vejo desvantagens, de... de maneira nenhuma. Se você disser 'ah mais se retirar a feira dali, você vai diminuir o comércio que tá localizado naquela área', eu acho o contrário: você vai aumentar, por que você vai proporcionar estacionamento fácil, e as pessoas quando forem comprar, vão lá comprar **(Cláudio Galeno)**

[...] A perda é grande falando financeiramente, por que a gente tamo praticamente no "coração da cidade", tamo bem no centro, bem localizado, próximo de tudo. [...] Por que aqui a quantidade de gente é mais, até nós se adaptar lá, até essas pessoas conhecer lá, vai ser muito sofrido pra a gente **(Feirante 07)**

Neste aspecto há uma discordância no discurso dos entrevistados, ficando clara a grande expectativa da Prefeitura para com a realocação da Feira em relação ao aumento do comércio formal na área central da cidade, ressaltando a facilidade de estacionamento e melhor fluência do trânsito, proporcionando maior comodidade aos consumidores. Já os Feirantes não veem dessa maneira e falam que esta mudança gerará perdas para suas atividades, uma vez que ficarão localizados mais distantes do centro da cidade e, com isso, os consumidores não se deslocarão ao novo local da Feira para efetuarem suas compras. Mais uma vez observamos que não há uma preocupação por parte da prefeitura em proporcionar melhores condições de trabalho aos camelôs ou ainda de evitar que seja desconstruída a identidade que os trabalhadores têm para com a Praça Justino Luz, como também a importância cultural que a Feira tem para a cidade.

Ao questionarmos sobre como imaginam a Feira em um novo local, mais uma vez as expectativas dos sujeitos são bastante distintas. A maioria dos Feirantes diz não conseguir imaginar essa situação, que não têm grandes expectativas para essa mudança, acreditando que será bem menos movimentada, principalmente os primeiros meses após a mudança. O Secretário de desenvolvimento, no entanto, ressalta aspectos distintos:

Ah não, aí será outra coisa, primeiro: [a Feira ficará] mais limpa, mais ordenada, entendeu? Oferece mais conforto tanto ao feirante, como quem vai comprar na feira, é como é que se diz? É... é uma conquista, é... muito grande para a população e dos feirantes em si, das pessoas que vem a Picos, entendeu? É realmente, é... é a facilidade do acesso que é servida de avenidas ali, daquela ponte que foi feita, pela BR tem um acesso bom também, então, a localização é excelente (**Cláudio Galeno**).

No discurso da prefeitura identificamos que a ideia da mudança é de que isso facilitará em relação aos acessos à Feira, sem falar que proporcionará maior limpeza na cidade e organização, dando a ideia de revitalização, reforçando a ideia de Leite (2007), em que as alterações promovidas nas cidades ocorrem com o intuito de revitalizar e embelezar as cidades, implicando um ordenamento e controle nos espaços públicos.

Contrário a isso, os Feirantes dizem não conseguir imaginar a Feira distante da Praça Justino Luz, alguns ainda ressaltam que o local da Feira sempre foi e deveria continuar sendo ali. Ficando clara tamanha a identificação deles para com seu local de trabalho atual.

Para finalizar, pedimos aos entrevistados que discorressem sobre como imaginavam a Praça Justino Luz sem a Feira Livre, as respostas foram as seguintes:

Ah, uma beleza (risos), um espetáculo digno de ser visto, entendeu? Foi exatamente por todos esses motivos que eu lhe disse. Embeleza mais a cidade você vê, por exemplo, a nossa principal atração turística que é a igreja, que é uma das 10 maravilhas do Piauí, quando a praça tá vazia você... Ela aparece, ela tem outra... outra apresentação, outro aspecto (**Cláudio Galeno**).

Rapaz eu acho que vai ficar um deserto aqui, né? [...] (**Feirante 04**)

Bem deserta, viu? Bem sem vida mesmo, porque acho que a vida aqui do centro, eu acredito que seja a feira, né? [...] (**Feirante 05**)

Eu imagino que aqui fique um Cemitério... [...] Porque não vai ter movimento nenhum aqui. (**Feirante 06**)

A opinião dos Feirantes é praticamente unanime em relação a esta situação e algumas das falas são até impactantes, como mostrado em seus depoimentos, em que eles imaginam que a Praça Justino Luz se tornará um local vazio, sem vida e deserto, inferindo que o movimento atual que ocorre no centro diariamente é em função da existência da Feira, isto é, a Feira movimento o comércio. Porém, o Secretário ressalta outros fatores, expressando uma visão totalmente positiva, ressaltando que essa realocação trará uma nova visão para aquela região. Cláudio Galeno acredita que a Feira torna feio o espaço central, escondendo sua real beleza, que é Igreja Matriz (Catedral Nossa Senhora dos Remédios), que figura entre as dez maravilhas do Piauí. Nesse sentido, a Feira perde seu valor cultural e simbólico como uma manifestação de rua em detrimento de espaços institucionalizados.

6 Considerações Finais

Neste artigo partimos do objetivo de identificar e analisar os discursos relacionados à realocação da Feira Livre de Picos, bem como os motivos que levaram a Prefeitura a decretar

tal mudança, as percepções dos Feirantes a respeito da realocação, bem como a relação dos Feirantes com o local atual da Feira. Este é um tema pouco estudado pela Administração, principalmente no âmbito de Picos, onde ganham mais destaque os trabalhos que buscam analisar os contextos econômicos dos espaços organizacionais.

Na elaboração desta pesquisa, utilizamos as técnicas de observação direta, registros fotográficos, além da realização de entrevistas. Inicialmente encontramos certas dificuldades na obtenção dos dados sobre o projeto de realocação da Feira, pois não havia algum servidor público disposto a representar o discurso da prefeitura, até que chegamos à pessoa do Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo, que se colocou à disposição para fornecer as informações necessárias para a elaboração do presente artigo.

Na análise dos dados observamos diversas contrariedades nos discursos dos Feirantes e da Prefeitura a respeito da realocação da Feira, onde a Prefeitura objetiva uma reorganização do centro da cidade, revitalizando aquele espaço da Praça Justino Luz e facilitando os acessos e o comércio formal nesta região. Em nenhum momento identificamos uma preocupação da prefeitura em preservar a relação do Feirante com o local atual da Feira ou melhorar suas condições trabalhistas. Os Feirantes, no entanto não se veem trabalhando distantes da Praça Justino Luz, devido à identidade que os mesmos desenvolveram para com seu local atual de trabalho, identidade esta construída a partir de longos anos de trabalho no centro, por vezes passada de geração para geração, visto que a identidade dos indivíduos é construída a partir da sua relação com o ambiente no qual está inserido (SOUZA et. al, 2008).

Analisando o discurso da Prefeitura a respeito da importância da Feira, destacamos a visão limitada apenas para fatores econômicos relacionados ao município, não constando a importância cultural que a Feira tem para com a cidade de Picos, caracterizada inclusive como um cartão postal da cidade (SILVA, 2010) ou ainda da questão de que a Feira garante a sobrevivência dos camelôs e seus familiares. Nesse sentido, podemos caracterizar a visão da prefeitura como míope, ao destacar o espaço atual da Feira apenas como um espaço de negócios, que não guarda sentimentos.

Outro ponto falho que identificamos com a elaboração deste trabalho é a falta de diálogo da Prefeitura com os Feirantes em relação à estrutura do novo local, bem como do processo de realocação como um todo, pois de acordo com o que foi constatado no discurso dos Feirantes, nunca houve nenhum tipo de comunicação por parte da Prefeitura para informá-los do andamento do processo; tudo o que sabem sobre o projeto de remoção é por conta de boatos que circulam na cidade ou ainda de informações que circulam na mídia local. Essa situação caracteriza o descompromisso da Prefeitura com os trabalhadores informais, que serão os principais atingidos com esta mudança.

Concluimos que há uma falta de planejamento mais voltado para os aspectos sociais envolvidos nas mudanças promovidas pelo governo nos espaços urbanos, onde os fatores que são levados em consideração dizem respeito apenas às melhorias no setor econômico, fortalecendo a reprodução capitalista e deixando de lado a importância cultural dos objetos alterados, bem como os interesses dos indivíduos ligados diretamente a esses espaços nas cidades. A prática que já acontece nos grandes centros, agora se expande para cidades do interior, promovendo alterações nos espaços urbanos com o intuito de revitalizar estes espaços e valorizar as regiões centrais da cidade, mesmo que para isso seja necessário alterar elementos culturais existentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabrielle Oliveira.; PIMENTEL, Thiago Duarte.; SOUZA, Mariana Mayumi Pereira de. **A construção de Identidades e Estratégias na Feira do Jubileu em Congonhas.** V encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, Belo Horizonte, 2008.

ANDRADE, Patrícia. G1 Piauí. Shopping da Cidade: **O espaço comercial mais popular de Teresina.** 2013

Disponível em:

< <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/08/shopping-da-cidade-o-espaco-comercial-mais-popular-de-teresina.html>>

Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

BARDIN, Laurence. **L'analyse de Contenu.** Lisboa: Edições 70, 1977. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BLAY, Eva Alterman. **A Luta pelo Espaço.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRITO, Juliana. Portal A Tarde. **Salvador vai ganhar 5 novos Shoppings Populares até 2015.** 2013.

Disponível em:

< <http://atarde.uol.com.br/economia/materias/1545008-salvador-vai-ganhar-5-novos-shoppings-populares-ate-2015>>

Acesso em 12 de Fevereiro de 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade e a organização do espaço. **Revista do Departamento de Geografia,** São Paulo, v. 1, p. 105-11, 1982.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque; Murta, Ivana Benevides Dutra. Crítica ao Manejo Humano em Belo Horizonte. **Revista de Administração Pública,** Rio de Janeiro, v. 43, n. 6, p. 1315-1342, nov./dez. 2009.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). **Revista Sociedade & Natureza,** Uberlândia, v. 21, n. 3, p. 327-339, dez. 2009.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis. (Re)significações de Tempo-Espaço na Cidade: Confrontos entre o Espaço Produzido e o Espaço Vivido em Belo Horizonte. In: ENCONTRO DA ANPAD, 37., 2013, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD 2013.

CUNHA, Aurineida Maria. Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho. **Revista Katál.** Florianópolis v.12 n.1 p. 77-85 jan./jun. 2009

FRAGOSO, Renata. FILHO, Edson Ronaldo Guarido. Discurso como recurso estratégico: implicações a partir do institutional work. In: ENCONTRO DA ANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

GAVA, Rodrigo. **A Identidade Como Força Categórica à Compreensão do Desenvolvimento Local**. XXXVI encontro da ANPAD, Rio de Janeiro 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAURENTINO, Fernando de Pádua. Espaço público: espaço de conflitos. **Projeto História**, São Paulo, n.33, p. 307-317, dez. 2006.

LEITE, Rogério Proença. **Contra o uso das cidades: Lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea**. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp; 2007.

MUSEU ODÍLIO ALBANO (Picos, PI). **Relato Histórico da Feira Livre de Picos**, 2002.

NATT, Elisângela Domingues, ICHIKAWA, Michelatto Elisa Yoshie. A Construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta e o Poder de Nomear e Estruturar a Dinâmica da Vida Local: Análise de Discurso dos Topônimos de Primavera – SP. In: ENCONTRO DA ANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS. **Relatório quantitativo das feiras livre e Mercados Públicos da cidade de Picos – PI**, 2010.

RIBEIRO, Roberto Name. **Causas efeitos e comportamentos da economia informal no Brasil**. 2000. Disponível em: <
<http://www.receita.fazenda.gov.br/Publico/estudotributarios/TrabAcademicos/Textos/RobertoCausasEfeitosComportamentodaEconomiaInformalnoBrasil.pdf>>. Acesso em 20 abr 2014.

SALES, Aline Pereira, REZENDE, Liviane Tourino, SETTE, Ricardo de Souza. Negócio Feira livre: Um estudo em um Município de Minas Gerais. In: ENCONTRO DE PESSOAS E RELAÇÃO DO TRABALHO, 3, 2011, João Pessoa, **Anais...** João Pessoa, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Geysa. Portal 180 Graus. **Feira livre se tornou um cartão postal em Picos**. 2010. Disponível em:
<<http://180graus.com/picos/feira-livre-se-tornou-um-cartao-postal-em-picos-320217.html>>. Acesso em 23 jan 2014.

Apêndice A - Roteiro de entrevista com o secretário

- Nome
- Naturalidade (se é de Picos) (Se não, de qual cidade)
- Setor em que trabalha (nome, cargo, tempo em que atua no cargo, atribuições do setor)
- Quais as percepções que atribui à Feira de Picos?
- Em sua opinião, qual a importância da Feira de Picos para a região?
- Há alguma taxa de contribuição por parte dos feirantes atualmente? Qual o valor?
- A Feira de Picos será removida da Praça Justino Luz? Para onde? Quais os motivos?
- Como será a estrutura que abrigará os feirantes? (espaço físico)
- Será cobrada taxa de contribuição neste novo local?
- O que será realizado no local onde estão os feirantes que serão removidos?
- A respeito da realocação da Feira, quando teve início esse projeto?
- Quais as vantagens dessa mudança? E as desvantagens?
- Já houve alguma reunião ou outro tipo de diálogo com os feirantes a respeito dessa mudança?
- Como eles reagiram a essa informação?
- Como imagina a Praça Justino Luz sem a Feira?
- Como será a Feira no novo local?

Apêndice B – Roteiro de entrevista com os Feirantes

- Nome
- Sexo () M () F
- Filhos (se tem/ quantos)
- Cidade que nasceu e em que mora (se não nasceu em Picos, quando se mudou/ se mora em outra cidade porque vem trabalhar em Picos?)
- Como começou a trabalhar como camelô e por que escolheu essa profissão?
- Há quanto tempo você trabalha na Feira de Picos?
- Sua família depende da renda da Feira? Há outros membros da sua família que trabalham na Feira?
- Quais os significados dessa profissão para você? Que sentimentos ela desperta?
- O que a Feira representa na sua vida e na vida da sua família?
- E o que você acha que a Feira representa para a população da cidade de Picos?
- Quais as regras para ser feirante? Você paga alguma taxa de permanência? Para quem? Qual o valor?
- Existe algum tipo de fiscalização da Prefeitura no local?
- Quais as principais dificuldades que você enfrenta com o trabalho na Feira?
- Você tem conhecimento sobre um projeto para mudar a Feira de Picos deste local para outro?
- O que você pensa sobre a mudança da Feira. Por quê?
- Houve alguma reunião ou outra forma de diálogo por parte da Prefeitura com os feirantes para informar sobre a mudança de localização da Feira?
- Você sabe os motivos da mudança da Feira? Em sua opinião quais os benefícios que essa mudança trará para os Camelôs? E quais as perdas que ela poderá trazer?
- Como você imagina a Praça Justino Luz sem a Feira?
- Como você imagina a Feira em outro lugar?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Guilherme Coelho de Lima; Leonardo Soares Arrais,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Os DILEMAS DA REALOCAÇÃO DA FEIRA LIVRE DE
PICOS
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de Agosto de 2014.

Guilherme Coelho de Lima
Assinatura

Leonardo Soares Arrais
Assinatura